

REFÚGIOS

Este 4.º número da 3.ª série de *Biblos. Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra* reúne um conjunto de contributos dedicado ao tema do refúgio. Ímpeto de fuga desencadeado por uma ameaça iminente, o refúgio, ao instigar a procura de segurança, leva à demanda de um outro tempo ou de um outro lugar, susceptíveis de oferecerem acolhimento e abrigo, desencadeando, da mesma feita, a oportunidade de reconstrução de novas esferas. Perante a imensidão de mundos e perspectivas implicados pelo conceito, optou-se, pois, pela declinação no plural — refúgios.

À secção inicial de artigos, acrescentam-se as reflexões, em âmbito criativo, de Adriana Calcanhotto, bem como a entrevista, conduzida por José Manuel Pureza, a Teresa Tito de Moraes, Presidente do Conselho para os Refugiados. Assim se cruzam domínios que vão das ciências sociais à literatura, à história das migrações, à história da arte ou à arquitetura, em correspondência com o perfil interdisciplinar desta 3.ª série de *Biblos*.

A abrir o volume, o artigo “O espaço-tempo do refúgio forçado: os Aldeamentos coloniais na formação do estado?”, de Tiago Castela, incide sobre os espaços de deslocação coagida, criados em África na última década de governação colonial portuguesa. Ao perspetivar a investigação acerca dos circuitos do refúgio, em contexto europeu, que na atualidade é desenvolvida no campo das ciências sociais e das humanidades, o autor do artigo não deixa de evidenciar uma propensão hegemónica que poderá vir a ser calibrada por um melhor conhecimento do espaço social do refúgio. Passa então a analisar criticamente a abordagem que desse assunto tem vindo a ser elaborada no campo da história da arquitetura, da antropologia urbana e da fenomenologia, propondo-se para esse efeito recuperar o filão, inspirado pela obra de Bachelard, que incide sobre a experiência da habitação, com vista ao estudo da dimensão arquitetónica e urbanística da colonialidade espacial. Posto isto, é descrito o processo que levou à construção desses aldeamentos, bem como a implantação no terreno e a tipologia de uma forma de alojamento opressiva, da qual as fugas eram frequentes.

Por sua vez, a casa-*atelier* onde António Teixeira Lopes viveu, trabalhou e recebeu aquelas pessoas com quem mais de perto convivia é estudada nos seus aspetos formais e iconográficos por Marta Barbosa Ribeiro e Joana Brites em “A casa-*atelier* de António Teixeira Lopes: um microcosmo oitocentista”. As autoras começam por contextualizar o assunto da casa-*atelier*, evocando um percurso histórico que confere crescente protagonismo ao espaço privado do artista, em correlação com a atração exercida sobre os apreciadores do seu labor e com o desenvolvimento de uma interação fruto da qual o refúgio privado se vai transformando em local de convívio e em ocasião para a projeção da própria imagem de quem nele trabalha. Depois de passarem à apresentação do enquadramento familiar e da formação eclética de António Teixeira Lopes, esclarecem o grau de intervenção do escultor no projeto e na construção do seu *atelier* de Vila Nova de Gaia, mostrando como aquele que era o refúgio de um temperamento solitário se encontrava igualmente vinculado a uma dimensão pública. Posto isto, são colocados em evidência os vários elementos construtivos e decorativos do exterior e do interior do edificado, explicitando a sua matriz neo-historicista, que é decodificada em chave nacionalista, admitindo uma possível simbologia espiritual, esotérica e maçónica.

O artigo “A ficção como estratégia evasiva (na própria ficção): memória, imaginação e realidade no romance distópico de Margaret Atwood *The Handmaid’s Tale* (1985)”, de Ricardo Afonso Mangerona, inscreve-se no âmbito da literatura canadiana contemporânea. O autor estrutura a sua análise a partir da conceptualização de Paul Ricoeur, segundo a qual o disfórico, ao ser recoberto pela ficção, se pode converter em refúgio, tendo em linha de conta, neste caso, a vinculação à brutalidade do real em ato. Com efeito, *The Handmaid’s Tale* convoca os grandes problemas de ordem ambiental, social e de género que estão na origem da atual crise. Reduto que permite à protagonista desafogar as penas decorrentes da situação de submissão em que vive, são por excelência as suas divagações noturnas. Assim vai sendo acompanhada a evolução que se processa ao longo dos sete capítulos em análise, mostrando como uma situação de opressão ostensiva vai catalisando libertação e dormência. A figura de sombra que percorre o artigo, D. Quixote, bem evidencia o papel que nesse processo cabe à ficcionalização, entre fantasia, demência e pura verdade das ideias.

Passando ao campo da literatura italiana, “Rifugi del bene. Rifugi del male. Il tentativo di salvezza di Anna Maria Ortese”, de Angela Bubba, inicia-se com algumas reflexões sobre o fascínio, o caráter ilusório ou as virtualidades consolatórias de uma arte que oferece abrigo pelas feridas que ela própria inculca. O solipsismo e o afastamento dos canais mediáticos foram para Anna Maria Ortese uma opção onde se reflete a dificuldade, que tem vindo a ser manifestada pela crítica, na sua inserção em movimentos literários específicos. Posto isto, a autora do artigo mostra como a temática do refúgio é forma de aprofundar uma condição de sofrimento em que se avolumam dramas de várias ordens. Tal como o animal assustado ou o nativo oprimido que protagonizam as suas obras, também a escritora se procura abrigar do mundo, criando um refúgio acolhedor, quer humano, quer metafísico, que se contrapõe ao refúgio do mal que é a vida à face da planeta. Da mesma feita, é um modo de repensar o real a partir da sua posição de observadora privilegiada.

Quanto ao artigo seguinte, “Refúgios dos afro-americanos cartografados na obra *Between the World and Me* de autoria de Ta-Nehisi Coates”, de Luís Carlos S. Branco, é dedicado à forma como, nesse livro, o escritor e jornalista afro-americano expõe a discriminação racial de que foi alvo e a consequente experiência de refúgio. Começam por ser apresentadas as circunstâncias que serviram de fulcro à obra, ou seja, os recentes casos de alvejamento erróneo e até a morte de vários afro-americanos inocentes, com relevo para o assassinio de um amigo de longa data de Coates. Tratando-se de uma obra escrita sob a forma de carta ao filho, o autor do artigo dimensiona uma função formativa que se enquadra na tipologia do *Bildungsroman*. Os espaços de refúgio cartografados são múltiplos, do quarto onde o filho se isola para desafogar a sua dor, aos grupos universitários que defendem os direitos das populações afro-americanas, aos bairros sociais de Baltimore ou aos condomínios fechados e às zonas de luxo de várias cidades. A estes abrigos um outro se acrescenta, a própria escrita, que permite a Ta-Nehisi Coates questionar a opressão a que, ao longo da sua biografia, se viu sujeito.

Completa a secção de artigos o contributo, “Do refúgio nos picos da ilha de São Tomé à absorção colonial: a questão dos angolares”, de Arlindo Manuel Caldeira, dedicado às populações que em tempos ancestrais se refugiaram nos

picos da ilha de São Tomé, os angolares, e à sua posterior integração na sociedade santomense. A análise da cronologia e das circunstâncias em que ocorreu esse movimento de escravos leva à aferição de quanto de plausível e de arbitrário há nas diversas fontes que o documentam e o transmitem. Com efeito, a fuga aos engenhos de açúcar e as rebeliões de escravos foram, até ao século XVIII, uma constante da história de São Tomé, apesar de as condições de sobrevivência e de subsistência na zona montanhosa da ilha serem inóspitas. O autor do artigo passa então a considerar o modo como, a partir de inícios do século XIX, foi operada a integração e a aculturação dessas populações, inicialmente através de acordos que desembocaram em novas rebeliões, domadas com violência, e numa fase mais avançada com recurso à evangelização. A consequente dispersão dos angolares por diversas zonas da ilha de São Tomé não impede que, ainda hoje, os seus hábitos de vida os continuem a identificar como tal.

Completam o número uma secção de recensões e o convite à participação no próximo volume de *Biblos*.

Rita Marnoto

Coordenadora da Direção Executiva